

A RELAÇÃO ENTRE ROMA E OS ‘CELTAS’: UM ESTUDO INICIAL A PARTIR DOS RELATOS ANTIGOS SOBRE AS MULHERES CELTAS

Pedro Vieira da Silva Peixoto²¹

Introdução

O tema envolvendo o Império Romano e suas mais diversas formas de relacionamentos com as sociedades então tidas como “bárbaras” sempre despertou, ao longo de diversos anos, a curiosidade por parte dos estudiosos da Antigüidade. Este trabalho é fruto de uma pesquisa ainda inicial, tem por objetivo principal analisar como alguns desses tipos de interação eram representados nos textos antigos.

Como recorte temático, trabalharemos exclusivamente com os relatos antigos que se vinculam a Roma e que tratam das sociedades celtas. Optamos ainda por analisar o modo como as mulheres celtas são apresentadas na documentação selecionada, almejando, nesse sentido, destacar a interação e os contatos existentes entre essas mulheres e Roma. Desejamos ressaltar a imagem que é construída em relação à mulher celta e como ela dialoga com a visão que é, em parte, construída acerca dos próprios celtas por alguns autores antigos.

O Mediterrâneo e os Celtas

Vários foram os autores gregos e romanos que descreverem as sociedades celtas e suas participações em alguns acontecimentos históricos que marcaram as sociedades Mediterrâneas²². A visão que gregos e romanos

²¹ Aluno do quinto período do curso de Graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sob a orientação do Prof.Dr. Fábio de Souza Lessa e a co-orientação da Dra Adriene Baron Tacla. É membro e pesquisador do Laboratório de História Antiga (LHIA) da UFRJ e do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antigüidade (CEIA) da UFF. E-mail: pedropeixoto@ufrj.br

²² Hecateu de Mileto, Heródoto, Xenofontes, Platão, Pseudo-Scylax, Eudoxus de Cnidos, Aristóteles, Eforus de Cyme, Theopompus, Piteas, Ptolomeu I, Sopater, Políbio, Possidônio, César, Cícero, Lívio, Ausonius são alguns dos principais autores que falaram, em algum momento de suas obras, a respeito dos antigos celtas (FREEMAN: 1996).

tinham dos celtas era basicamente a de uma sociedade bárbara guerreira – a imagem que, em grande parte é construída, é a de um povo feroz, corajoso em excesso²³, beligerante, descontrolado, sem limites e demasiadamente agressivo e violento. Acreditamos que em grande parte tal visão se deve a uma das formas mais freqüentes de interação entre celtas e mundo greco-romano: a guerra.

Quase sempre o principal contato que os autores mediterrâneos tinham com os celtas vinha através da guerra e das investidas realizadas por algumas tribos gaulesas em seus territórios: os gregos, após o século III, com a invasão do exército celta que marchou no coração da Grécia indo até a Ilha de Delphos, passaram a nutrir uma espécie de preocupação acerca dos celtas passando a considerá-los como uma espécie de perigo constante e não muito distante, depois desse acontecimento²⁴.

Os romanos, igualmente, haviam sofrido com investidas celtas em seu território, no passado, especialmente no ano de 390 em que Roma quase fora destruída por guerreiros do Vale do Pó, e, constantemente, ao longo de quatro séculos, os romanos tiveram que enfrentar os celtas todas as vezes que desejavam levar à frente, na Europa, seus projetos de expansão territorial (FREEMAN: 2002, p.1 ; CUNLIFFE: 2003, p.10).

Devemos também chamar a atenção para as diversas motivações específicas de cada autor ao escrever seus relatos, como também para a idéia comum que quase todos eles compartilhavam em relação aos celtas, concordando, aí, com Barry Cunliffe quando diz que:

“Os historiadores da Grécia e Roma, escritores tais como Polybius (204-122 a.C), Lívio (59 a.C-17 d.C) e Pausanias (final do segundo século depois de Cristo), estavam todos tentando projetar imagens particulares da história. Suas apresentações pessoais dos celtas

²³ A respeito da coragem do homem virtuoso e da coragem celta como um excesso prejudicial, conferir Aristóteles em a Ética a Nicômaco 3.7.6-7 (1115b) e a Ética a Eudêmio 3.1.25 (1229b).

²⁴ Segundo Philip Freeman, a pouca quantidade de documentação grega em relação aos celtas do século III deve-se ao fato de que até aquele momento não havia motivo para que os gregos se preocupassem com os celtas, pois para aqueles “os celtas eram somente mais uma outra raça bárbara distante. Comerciantes traziam estórias sobre eles, e ocasionalmente um pequeno grupo de guerreiros celtas talvez aparecesse entre mercenários de um exército contratado, mas eles não eram uma ameaça ao civilizado homem grego e a seus negócios diários.” (FREEMAN: 2006, p.30).

eram necessariamente condicionadas por isso, mas a mensagem comum que todos desejavam comunicar era a de seus sistemas próprios triunfando sobre as forças de fora – a racional, civilizada ordem de controle do estado contrastada com o selvagem, o caos dos primitivos bárbaros.” (CUNLIFFE: 1997, p.6)

É igualmente importante destacar alguns pontos em relação à documentação romana especificamente. É a partir do século I a.C que os relatos sobre os celtas tornam-se cada vez mais extensos e detalhados e, mesmo que eles fizessem uso de uma antiga tradição (ver tradição Possidônica em TIERNEY: 1960 e NASH:1976) e estereótipos comuns, foi a partir desse momento que um “novo senso de realidade” foi proposto por escritores como César, Lucano e Tacitus (CUNLIFFE: 1997, p.9). Torna-se então cada vez mais referente, a idéia da conquista justificada: a romanização como forma efetiva de livrar o civilizado mundo romano de possíveis ameaças e a possibilidade de levar paz e estabilidade aos bárbaros. É tomando como ponto de partida tais elementos e pressupostos que buscaremos desenvolver o presente trabalho.

As Mulheres Celtas nos Textos Antigos

Optamos, como primeiros textos a ser trabalhados, pelos relatos de Plutarco. Esse autor grego menciona um importante acontecimento envolvendo um centurião romano e a esposa de um chefe tribal gálata. Esse relato, feito por Plutarco a partir de Políbio, diz respeito à história de Chiomara (PLUTARCO, **De Mulierum Virtutibus**, XXII).

Chiomara, esposa de Ortiagon, chefe dos Tolistobogii, era de linhagem nobre e importante e viveu na Galácia durante a época de subjugo dos gálatas a Roma, no século II. Quando os romanos ocuparam a região sob o comando de Gnaeus Manlius, era comum que centuriões capturassem diversas mulheres gálatas para divertirem-se após as lutas, estuprando-as e utilizando-as como prisioneiras ou até mesmo escravas. Chiomara estava entre uma das mulheres capturadas pelos romanos, e o centurião que a estuprou e a seqüestrou, segundo Plutarco, era “uma besta ignorante que amava tanto o prazer quanto o dinheiro, mas que no final o seu amor pelo dinheiro foi maior” (PLUTARCO, **De Mulierum Virtutibus**, XXII). Ao perceber a origem nobre de Chiomara, o

centurião, objetivando lucrar e tirar benefícios financeiros com um possível pagamento de resgate, leva-a até os homens de seu povo para negociá-la com eles. Após o romano ter recebido o dinheiro, enquanto despedia-se, Chiomara dá um comando para seus homens e ordena que eles ataquem o centurião. Um dos gálatas o decapita com um golpe de espada. Plutarco chega até mesmo a relatar a volta de Chiomara para casa e o diálogo com seu marido:

“Ela pegou a cabeça, enrolou-a em seu casaco, e voltou para casa. Quando retornou ao seu marido, ela jogou a cabeça aos pés dele. Ortiagon estava espantado e disse: “Mulher, uma coisa boa é boa fé”. “Sim” ela respondeu “uma coisa melhor ainda é que somente um homem que tenha cruzado o meu caminho permaneça vivo”. Políbio disse que mais tarde encontrou e conversou com Chiomara em Sardis e ele ficou impressionado com sua inteligência e espírito indomável”.(PLUTARCO, **De Mulierum Virtutibus**, XXII)

Mais um acontecimento também narrado por Plutarco é o que diz respeito à participação celta nas fileiras do exército de Hannibal. Para os celtas, era comum o fato de mulheres e crianças acompanharem os homens ao campo de batalha em época de guerra (RANKIN: 2002, p.252). Na época em que Hannibal organizara seu exército, os Cartagineses e os Celtas viviam em constante conflito no interior do exército, trocando ofensas e xingamentos com grande frequência e quase sempre criando brigas. Plutarco relata que para resolver a questão e pôr um fim nessa desordem militar, estabeleceu-se a seguinte medida no exército: todas as ofensas dirigidas aos soldados cartaginenses seriam avaliadas e julgadas por seu general militar; e da mesma forma, todas as injúrias e ofensas dirigidas aos guerreiros celtas deveriam ser avaliadas e julgadas pelas suas mulheres(PLUTARCO, **De Mulierum Virtutibus** ,VI).

O historiador romano Tacitus, também fornece o relato a respeito de umas das figuras femininas mais conhecidas e importantes na História dos celtas – a Rainha Boudicca ou Boadicea (TACITUS, **Annais**, 14.31). Boudicca, então rainha dos Icenos, era casada com Prasutagus, famoso por suas

riquezas e propriedades. Quando este morre, ele deixa como seus herdeiros as suas duas filhas e o imperador de Roma, pensando que com este último ato ele garantiria a segurança de seu reino e de sua família. O que acaba acontecendo é justamente o inverso: os romanos não aceitam as filhas de Prasutagus como legítimas para o trono e empreendem assassinatos e mortes no território dos icenos, destruindo terras, humilhando os senhores locais e até mesmo tratando os parentes do antigo rei como escravos. As duas filhas do rei são violentamente humilhadas através de estupros e a própria rainha Boudicca é torturada e castigada com chicotadas. Os icenos então se juntam sob a autoridade da rainha e se rebelam contra os romanos com o auxílio de algumas outras tribos. Os rebeldes, aproveitando-se da campanha do governador local, Suetonius Paulinus, em Gales, atacaram e destruíram Camulodunum (atual Colchester), Verulamium (St.Albans) e Londinium (Londres). É a própria Boudicca que também toma toda a liderança e decisões militares, comandando a rebelião conforme Tacitus aponta:

“Boudicca montou em sua carruagem com suas filhas ao seu lado e passou em frente a todo o exército, incitando todos para lutarem pela última vitória. ‘Não é estranho para os britânicos serem liderados por uma mulher na guerra. Mas eu luto não como uma rainha de linhagem gloriosa para restituir meu reinado e poder, mas como uma simples mulher de um povo que perdeu sua liberdade como um escravo e viu suas filhas violadas em frente a seus olhos (...) Mas é isso que eu enquanto uma mulher desejo – que eles (os romanos) vivam para eles mesmos serem escravos”.(TACITUS, **Annais**, 14.35)

Tacitus também comenta que “os britânicos não fazem distinção de sexo no que diz respeito à escolha de seus comandantes” (TACITUS, **Agrícola**, 16). Estrabão chega a comentar, mesmo que brevemente, a respeito do papel e da dinâmica de gênero entre os gauleses:

“Considerando os costumes relativos a homens e mulheres, as tarefas que cada sexo desempenha são trocadas, de maneira que é o

*oposto do que é achado em nossa sociedade, mas isso é comum entre os povos bárbaros”(STRABO, **Geography**, 4.4.3)*

Outro autor importante que também faz menção à mulher celta é Diodoro Sículo. Em sua *Biblioteca*, Diodoro relata algumas das características que seriam supostamente comuns ou típicas a todas as mulheres gaulesas: “As mulheres gaulesas não são somente iguais aos homens em tamanho, mas elas também a eles se igualam em força física”(DIODORO SÍCULO, **Library**,5.27) .

Por fim, um dos últimos autores a comentarem a respeito do tema é Ammianus Marcellinus. Em sua *História*, Ammianus menciona o papel da mulher gaulesa e destaca com grande ênfase a sua importância no campo de batalha:

“Praticamente todos os gauleses são altos, belos e com as feições avermelhadas, possuem olhos claros, adoram arrumar brigas e são incrivelmente insolentes. Se um deles, em batalha, chama a ajuda de sua esposa, a qual com seus olhos penetrantes é bem mais forte que ele, nem mesmo uma tropa toda de estrangeiros pode enfrentá-los. Isso é especialmente verdade quando, inchando seu pescoço, ela começa a golpeá-los com seus enormes braços brancos e misturando chutes ferozes com suas rajadas, acerta os inimigos com a força de uma catapulta”.(AMMIANUS MARCELLINUS, **History**, 15.12.1)

É interessante notar como, aparentemente, todos esses autores parecem estar de acordo entre si a respeito do que teria sido verdadeiramente a mulher na sociedade celta. Todos os relatos parecem traçar um mesmo panorama indo sempre ao encontro das mesmas características como se dialogassem perfeitamente acerca de uma realidade que era, por assim dizer, explícita ou bem clara aos seus olhos.

Enxergamos tais semelhanças não como meros frutos de cópias de alguns autores em relação a outros, apesar de ser possível observar, em alguns casos, um diálogo direto com autores de referência, como, por exemplo, no caso da influência de Possidônio. Queremos, com isso, portanto, argumentar que as diversas semelhanças presentes nas fontes, a nosso ver, são ocasionadas, em sua maioria, pela existência do que poderíamos chamar

de um conhecimento ‘geral’, ‘público’ ou de ‘senso comum’ da audiência romana em relação aos celtas (NASH:1976, p.114) e que é difundido, tanto pela literatura, como pela tradição e educação desses indivíduos.

De todos os autores, talvez o único que tenha apresentado um quadro totalmente diferente em relação ao tema das mulheres celtas seja Júlio César. Segundo ele, “os homens têm, na qualidade de maridos, direito de vida e morte sobre suas mulheres, assim como na de pais sobre seus filhos” e em caso de suspeitas de que mulheres tivessem causado a morte de seu marido, estas seriam rigorosamente interrogadas, podendo ser condenadas à morte pelo fogo, junto com torturas de todas as naturezas (CÉSAR, **De Bello Gallico**, VI, XIX). A imagem, portanto, que é apresentada no *De Bello Gallico* é a de que as mulheres são relativamente submissas e obedientes a seus responsáveis, sejam estes os principais homens da família ou seus próprios maridos²⁵.

Acreditamos que tal diferenciação em relação ao tema abordado deve-se exclusivamente ao fato de César possuir um objetivo político próprio em mente, bem específico e claro. Acreditamos que a intenção desse autor fosse justamente a de reforçar o aspecto nobre, combatente, belicoso, guerreiro, bravo e, portanto, masculino da sociedade gaulesa, com isso destacando o próprio triunfo sobre o inimigo vencido, refletindo, assim, sua glória e mérito enquanto vencedor (FREEMAN: 2002, p.13 e CUNLIFFE: 2003, p.17). Dessa forma, parece-nos extremamente plausível a inexistência de relatos por parte de César em relação às mulheres pegando em armas e lutando ao lado de homens. Primeiramente, porque uma vitória militar realizada sob o comando de mulheres não era considerada um grande feito militar. E ainda devido ao fato de que César ao longo do esforço de conquista da Gália perdeu vários homens e tropas, passando por diversos momentos de dificuldade. Seria, então, ainda mais vergonhoso e desonroso fazer menção a mulheres associadas à prática da guerra, pois isso implicaria diretamente que mulheres teriam sido capazes

²⁵ Isso fica bem expresso em relação ao modo como os casamentos se davam segundo César. Ainda no *De Bello Gallico*, ele menciona os casamentos que estrategicamente eram realizados pelos chefes gauleses. Dois bons exemplos são os que dizem respeito a Orgetorix, que dá sua filha em casamento (CAESAR, **De Bello Gallico**, I, 3.5) e Dumnorix, que casa a própria mãe entre os biturigios, a irmã e ainda alguns parentes em outras localidades (CAESAR, **De Bello Gallico**, I, 18).

de vitórias em situações em que, por várias vezes, soldados romanos teriam sido derrotados e mortos por mulheres.

Conclusão

Buscamos mostrar e discutir, mesmo que de forma ainda introdutória, os principais relatos antigos que tratam das mulheres celtas e que possuem algum vínculo com Roma. Trabalhamos principalmente com as figuras da “mulher guerreira” ou da “rainha que lidera tropas”, pois essas representações são as mais comuns nos textos etnográficos antigos que tratam desse tipo de mulheres. No entanto, tentamos destacar que poderia também haver variações quanto à representação dessas mulheres, (vide o exemplo de César), e que nesse sentido é fundamental uma análise mais cuidadosa das próprias motivações de cada um dos autores.

Fica ainda ressaltado também que o presente trabalho não teve em nenhum momento a pretensão de discutir a veracidade e comprovação de tais relatos. Não nos interessa saber se de fato houve mulheres guerreiras que comandavam e lideravam tropas ou se, ao contrário, isto seria uma invenção e o que ocorria era na verdade o extremo oposto. Ao contrário, o que se objetivou através deste trabalho foi analisar o modo como estas mulheres são apresentadas na documentação tal como identificar os diversos discursos que são, em relação a elas, construídos.

Acreditamos que a ênfase dada ao aspecto militar das referidas mulheres, destacando sua bravura em campo de batalha, suas funções de chefia e liderança militar, tem por objetivo principal a construção de um sentimento de identidade baseado na alteridade, ou seja, na diferenciação em relação a esse “outro” que é relatado. Enxergamos a mulher celta e os celtas como um todo, como sendo sempre esse “outro” nos relatos antigos – aquele que está além do civilizado Mediterrâneo. Dessa forma, parece-nos extremamente lógico que algumas das principais características que identificam os celtas como bárbaros - tais como a beligerância, o espírito insolente e descontrolado e a violência - sejam também atribuídas a suas mulheres, reforçando, portanto, a diferença entre Mediterrâneo/ romano/ civilizado/ organizado e Celta/ bárbaro/ selvagem/ desorganizado.

BIBLIOGRAFIA

1 - Documentação Textual

AMMIANUS MARCELLINUS. *Roman History, I : Books 14-19* . London: Loeb Classical Library , 1985

CAESAR. The Gallic War. London: Harvard University Press,2004.

DIODORUS SICULUS. Library of History. London: Loeb Classical Library,2000.

PLUTARCH. De Mulierum Virtutibus. In: PLUTARCH. *Moralia*(Vol. III). London: Loeb Classical Library, 1931, pp.471-581

STRABO.Geography.In:<http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Strabo/home.html>(acessado pela última vez em:31/05/2008)

TACITUS. The Agricola and The Germania . London:Penguin Classics,1971

TACITUS . The Annals of Imperial Rome. London: Penguin Classics , 1956

2- Obras Gerais

CUNLIFFE, Barry. The Ancient Celts . Oxford : Oxford University Press , 1997.

_____. The Celts – A very short introduction . Oxford : Oxford University Press , 2003.

FREEMAN, Philip.The Earliest Greek Sources on the Celts.Études Celtiques ,XXXII , 1996,pp.11-40 .

_____.War, Women and Druids – Eyewitness Reports and Early Accounts of the Ancient Celts . Austin : University of Texas Press , 2002 .

_____. The Philosopher and the Druids : A Journey Among The Ancient Celts. New York: Simon & Schuster : 2006 .

NASH,Daphne. Reconstructing Poseidonio's Celtic Ethnography:Some Considerations.“Britannia”,Vol.7.(1976),pp.111-126

RANKIN,David. Celts and the Classical World. London:Routledge,2002.

TIERNEY,J.J.. The Celtic Ethnography of Posidonius. “Proceedings of the Royal Irish Academy”, Vol.60., Sec.C,No.5 (1960) , pp.189-224.